

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

104

INSCRIÇÕES 460-463



DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ARQUEOLOGIA E ARTES
SECÇÃO | INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
2013

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista *CONIMBRIGA*, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado *VBI ERAT LVPA*, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Secção de Arqueologia | Departamento de História, Arqueologia e Artes
da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Palácio de Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



ARA FUNERÁRIA ROMANA DE MOURA
(*Conventus Pacensis*)

Na primavera de 2011, no decorrer da escavação do castelo de Moura, identificou-se na esquina de um edifício medieval, presumivelmente do final do período islâmico (Fig.1), esta ara funerária romana, de mármore do tipo Estremoz / Vila Viçosa, com alguma pátina, certamente devida ao contacto com o solo, poia a zona foi muitos anos uma horta (Fig. 2). Foi integrada no acervo do Museu Municipal de Moura.

No capitel, sobre o soco superior, havia decerto fastígio central arredondado (porventura com fôculo), ladeado de toros apenas delineados, não autónomos (Fig. 3). Dele separada por filete directo, uma moldura de garganta directa decorada com motivos vegetalistas, em jeito de folhas de acanto estilizadas, em três registos consecutivos – motivo que se repete nas três faces (à excepção da posterior, que está moldurada mas não decorada), a indicar que a peça foi pensada para ser encostada a um elemento arquitectónico. Novo filete directo faz a transição para o fuste. Idêntica sequência decorativa, acrescente-se desde já, existe na base, emprestando ao conjunto invulgar elegância estética, realçada pelo campo epigráfico em forma de pórtico de volta perfeita, também ele emoldurado em todo o seu perímetro com motivos vegetalistas estilizados. O facto de as fórmulas inicial e final se encontrarem fora do campo epigráfico, ainda que na face anterior do fuste, leva a supor que já haviam sido previamente gravadas e a peça se encontrava preparada na oficina do lapidário, à espera, apenas, de comprador, para que se

gravassem então os dizeres adequados; a superfície a epigrafar foi previamente bem alisada, como pode ver-se na parte final, onde se não fez sentir nenhuma espécie de erosão e onde, também por isso, se observa nitidamente o trabalho do gradim na banda que envolve a moldura. Do ponto de vista lapidar, um exemplar magnífico, portanto. Aliás, se atendermos, por exemplo, ao desenho que Frei Manuel do Cenáculo apresenta da epígrafe de Sobral da Adiça,¹ verifica-se que haveria na região oficina de apurado gosto estético, certamente porque também teria compradores de posses. Os erros de escrita a que adiante se aludirá indiciam, por seu turno, ter sido epígrafe ditada para um lapicida praticamente analfabeto, que escreveu conforme lhe pareceu ouvir ou, então, entendeu mal a minuta manuscrita que lhe foi entregue (Fig. 4).

Do lado direito, foi esculpida em relevo uma pátera circular com *umbo* central e cabo (Fig. 5). Muito bem delineada, tem vestígios de decoração na zona de junção do cabo ao disco, mas de muito difícil leitura. Do lado esquerdo, há vestígios muito ténues do jarro — cuja base se situa a 61 cm da parte inferior da ara.

Dimensões: 150,5 x 55/59,5 x 33,5/34,5.

Campo epigráfico: 53 x 34.

Pátera: 29 x 15,5 (diâmetro).

D(is) (hedera?) M(anibus) (hedera?) S(acrum) // CEPLCA [sic] / MARIA VI/SIC [sic] AN(nis) LX (sexaginta) / ⁵ [LI] BERTVS HERES / MOEILVS / MALRI [sic] FA(ciendum) C(uravit) // H(ic) · S(ita) · E(st) · S(it) · T(ibi) · T(erra) · L(evis) (hedera)

Consagrado aos deuses Manes. Cephca (?) Maria viveu 60 anos. Meilo, liberto, herdeiro, mandou fazer à mãe. Aqui jaz. Que a terra te seja leve.

Altura das letras: l. 1: 5,5 (S = 6,5); l. 2: 5,5/5; l. 3: 4,5/5,5; l. 4: 4,5/4 (S = 6); l. 5: 4,5/5,5; l. 6: 4,5/5; l. 7: 4,5 (F = 5; AC = 4); l. 8: 4,5/5,5. Espaços: 1: 5,5; 2: 3,5; 3: 3; 4: 4; 5: 3,5; 6: 3; 7: 2,5.

¹ ENCARNÇÃO, José d', «Epigrafia romana de Moura», *Moura na Época Romana*, Câmara Municipal de Moura, 1990, 49-51 [acessível em <http://hdl.handle.net/10316/20763>].

A forma do campo epigráfico obrigou a uma paginação que seguiu minimamente o eixo de simetria exigido. Não é possível garantir, devido ao desgaste; contudo, quer-nos parecer que, na fórmula inicial, se terão gravado duas heras, de traçado idêntico à que surge no final da epígrafe, de fino recorte cordiforme e gracioso pecíolo; e na fórmula final houve pontuação triangular, inexistente, porém, no texto propriamente dito.

Caracteres actuários: M largo; O levemente ovalado; B assimétrico; R feito a partir do P com haste recta; C de recorte ovalado e oblíquo; L de barra oblíqua, como, de resto, é a tendência de todos os caracteres da l. 2: a inclinação das barras para baixo (veja-se o E da l. 2) ou para cima (os EE das linhas 6 e 7); o A tem travessão bem nítido na l. 1, sendo menos nítido na l. 2, onde inclusive o primeiro se apresenta em jeito de lambda com a perna da direita alongada para lá do vértice. Nexo TL na l. 8.

A leitura não oferece dúvidas. O problema reside, todavia, na interpretação, pois não se encontra paralelo para um antropónimo *Moeilus*. Não nos inclinamos para que se trate de nome indígena até agora não registado, pois que o que se conhece da epigrafia da zona o desaconselha claramente; vemos aí, de preferência, a má grafia de um nome que se ouviu mas que se não conseguiu grafar convenientemente. Prova cabal do que se acaba de afirmar é também a grafia de VIXIT, completamente anómala: VISIC. De resto, o mesmo se terá passado na l. 1: CEPLCA ocultará seguramente um estranho nome comum, a descobrir, em que o L seria, necessariamente, uma vogal, mas que não pode ser E nem I, na medida em que estas letras estão bem desenhadas no texto.² Na l. 7, foi grafado, claramente, MALRI, que deverá interpretar-se MATRI, circunstância que ratifica o que se acaba de afirmar acerca da má compreensão da minuta. De seguida, está EA C – interpretação errónea por FA(*ciendum*) C(*uravit*); aliás, até pode suspeitar-se que o A (aqui sem barra) esteja a mais, porque o lapicida escreveu de ouvido. Idêntica anomalia se terá registado na l. 5 (falta da primeira sílaba de LIBERTVS), interpretação que se nos afigura não oferecer dúvida, até porque de seguida há *heres*, o que nos leva a pensar que Ceplca Maria deu a liberdade ao filho e o proclamou seu herdeiro; por isso ele

² Uma hipótese seria o diminutivo de *Cepa* formado com o sufixo *-eca*.

tratou da sepultura e mandou gravar epitáfio.

Por seu turno, *Maria* é um *nomen* (comum na Lusitânia) e deveria ter sido posto antes do *cognomen*.

Enfim, retomando o raciocínio atrás exarado aquando da descrição da ara, a análise do texto – se bem o interpretámos – demonstra perfeitamente uma situação que noutras ocasiões se verifica: há um suporte bonito, de fino recorte clássico, dentro dos padrões estéticos mais ostentosos vigentes na zona; há quem detenha poder económico para o adquirir, mormente, por exemplo, como se sugeriu, por ter recebido herança com essa finalidade, até (quicá!) por disposição testamentária (aqui, porém, não expressa); mas a esse poder económico – efectivo ou temporário – não corresponde idêntico elevado grau de alfabetização. E acrescente-se que também noutro âmbito esta epígrafe é eloquente, porque nos põe a questão: falta de alfabetização por parte de quem? Do encomendante, do lapicida ou dos dois? Poderia ser apenas do lapicida, pois, face à gravação já feita e não acompanhada, era natural que o encomendante não tivesse tido outro remédio senão... aceitar. Isso no caso de se haver apercebido dos lapsos cometidos!...

Pela paleografia e, de modo especial, pelo mui incipiente domínio da linguagem escrita, é epígrafe que colocaríamos na segunda metade do século I da nossa era.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

JOSÉ GONÇALO VALENTE

VANESSA GASPAR

MARIA DA CONCEIÇÃO LOPES

SANTIAGO MACIAS



1



3



4



2



5

460

ESTELA FUNERARIA DE GUIJO DE GRANADILLA
(CÁCERES)

Estela fragmentada en la parte superior, de granito gris de grano. Actualmente forma parte como dintel en el interior de un corral en el casco urbano de esta localidad. La rotura afecta al campo epigráfico.

Dimensiones: 133 x 43 x 22.

[---][?]/[----]/IO FRATR/I SVO · F(*aciendum*) · C(*uravit*)
· / R(?) · D(?) · B(?) · S(*it*) · T(*ibi*) / · T(*erra*)·L(*evis*) ·

Letras: 6-8 cm.

Las letras son rústicas y la interpunción redonda.

Las eventuales líneas que faltan al inicio, suponemos sean dos, estarían relacionadas con el nombre del difunto, hermano del dedicante cuya identificación en *tria nomina* podría venir reflejadas en siglas grabadas en la línea 4 del texto conservado, aunque la primera de ellas R (no es sigla de *praenomen* conocido), D y B siglas claramente grabadas, nos parecen bastante probables, B presenta una panza inferior algo más pequeña. En todo caso, a pesar del mal estado de la superficie epigrafiada las letras conservadas son perfectamente identificables. Al final de la línea 4, el grabador omitió el clásico H(*ic*) S(*itus*) E(*st*). Este tipo de errores pueden ser atribuibles a la poca pericia de los talleres

indígenas, no muy familiarizados en los formulismos romanos.

Aunque nada nuevo desde el punto de vista onomástico, por otro lado interesante el conocimiento de este epígrafe funerario fragmentado, como testimonio de la presencia romana, mostrando una aculturación marcada en el uso de las formulas latinas.

JAIME RIO-MIRANDA ALCÓN
M^a GABRIELA IGLESIAS DOMÍNGUEZ



461



462

FRAGMENTO DE ESTELA DE OLIVA DE PLASENCIA
(CÁCERES)

Fragmento de una estela localizada hace algún tiempo, por D. Cipri Paniagua Paniagua, embutida en el muro de un huerto en una calle de Oliva de Plasencia. Hace poco tiempo la extrajo un vecino del pueblo donde se encontraba, llevándosela a su domicilio particular. Como todos los epígrafes hallados en esta localidad provienen de las ruinas de Cáparra.

Es de granito local de grano grueso. La decoración está compuesta por un círculo y una luna creciente en relieve, ideograma funerario característico de la Lusitania, enmarcado en una cartela en relieve. La parte superior presenta un relieve cuadrangular y en su interior un *foculus*, de 10 cms de diámetro. La rotura de la estela coincide con el inicio del texto que se encontraría dentro del mismo enmarcado o cartela.

Medidas: 24 x 36 x 20 cms.

JAIME RIO-MIRANDA ALCÓN
M^a GABRIELA IGLESIAS DOMÍNGUEZ

PLACA FUNERÁRIA DA *CIVITAS IGAEDITANORVM*
(*Conventus Emeritensis*)

Placa funerária romana, de mármore rosado e cristalino do tipo Estremoz / Vila Viçosa, com forte pátina acastanhada e levíssimas escoriações subseqüentes, derivadas da longa exposição aos agentes atmosféricos. Foi achada por volta de 1958, aquando das investigações levadas a efeito na área adjacente à capela da Senhora do Almortão (freguesia e concelho de Idanha-a-Nova), sob orientação de D. Fernando de Almeida.¹ Encontra-se na posse de Francisco Aragão, que a guarda na sua casa, em Lisboa, onde a estudámos a 25.1.2013.²

Falta-lhe uma porção do lado direito, de fractura irregular,

¹ Dessas pesquisas resultou, no mesmo contexto espacial, o achamento da árula a *Igaedus*, hoje também na posse da mesma família: cf. ENCARNAÇÃO (José d'), *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal (Subsídios para o Seu Estudo)*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1975, p. 199-200. Aproveita-se o ensejo para corrigir a interpretação que nesse livro se deu à identificação da dedicante, na seqüência do que escrevera D. Fernando de Almeida (in «*Igaedus*, Divindade Lusitana, e a Senhora do Almortão», *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, III série, 8, 1964, p. 65-73): é *Caetronia Vitalis* e não *Caetronia Vitalis (filia)*.

² Agradecemos a Francisco Aragão e seus familiares – designadamente a seu pai, João Trigueiros de Aragão, que teve oportunidade de acompanhar as pesquisas de D. Fernando de Almeida – as facilidades concedidas, na seqüência do apoio que prontamente já disponibilizara ao projecto Portugal Romano (www.portugalromano.com).

que levou a parte final das linhas 1 a 3. Alisada lateralmente, mas sem rigor geométrico, para facilitar a fixação no jazigo de família a que a placa, naturalmente, se destinou; também por isso a superfície posterior está trabalhada a ponteiro. Do lado esquerdo, quiçá por alguma tentativa de reutilização (felizmente falhada), há um corte de 14 cm de comprimento e 1,5 cm de largura.

Tipologicamente, a placa tem um paralelo perfeito noutra epígrafe da *civitas Igaeditanorum*, decerto proveniente da mesma oficina.³ Obedece aos cânones estéticos clássicos mais apurados, de evidente inspiração itálica: a moldura que limita o campo epigráfico ostenta, de fora para dentro, uma fiada de pérolas, em baixo-relevo obtido por ‘escavação’, seguida, após listel, de uma outra, preciosa, de folhas de acanto. O campo epigráfico, não é, pois, escavado; a molduração é que é.

Dimensões: 63 x 76,2 x 14,8.

Campo epigráfico: 39 x 64.

C(*aius*) · ALLONIV[S] / SEVERINVS · NOR[BA]/NAE ·
SILAE · VXOR[I] / OPTVMAE / ⁵ F(*aciendum*) C(*uravit*)

Gaio Alónio Severino mandou fazer a Norbana Sila, óptima esposa.

Altura das letras: l. 1: 6; l. 2: 5; l. 3: 5,5; l. 4: 7; l. 5: 6,5.

Espaços: 1: 1,8; 2 e 3: 1,5; 4: 2: 5: 1,5; 6: 1.

Ainda que incompleta, não estaremos certamente longe da realidade se considerarmos ter havido, da parte do lapicida, a preocupação de paginar cuidadosamente o texto segundo um eixo de simetria e em obediência, tanto quanto possível, à lógica textual, não deixando, no entanto, de dar relevo a uma palavra que assume aqui particular valor emocional: o superlativo

³ SA, Ana Marques de, *Civitas Igaeditanorum: Os Deuses e os Homens*, Município de Idanha-a-Nova, 2007, inscrição n.º 85, p. 76-77.

optumae,⁴ que singularmente qualifica a esposa.⁵ As letras que reconstituímos no final das linhas 1, 2 e 3 partem desse pressuposto.⁶ A reconstituição de BA no termo da l. 2 afigura-se-nos insofismável, na sequência do R, de que resta boa parte.

Pontuação de acordo com as normas, colocada onde era necessária, ausente na fórmula final, dado que o espaçamento das siglas (em módulo um tudo-nada maior) naturalmente a dispensava. De ténues pontos circulares, permitiu, todavia, que, antes de *Silae*, o lapicida se esmerasse a ensaiar gracioso ponto triangular.

Caracteres monumentais quadrados, de desenho simétrico, gravados a goiva, como nesta parte ocidental da Lusitânia foi hábito nos primeiros monumentos epigráficos, datáveis de finais do século I a. C. É, de resto, cronologia que, também pelo texto e pela paleografia, não hesitamos a atribuir a esta epígrafe. Registe-se o carácter geométrico do conjunto; o C e o O bem circulares; o A com travessão cuidado; barras do L horizontais e amplas...

O dedicante identifica-se com os *tria nomina*; é raro o seu gentílico, *Allonius*, que Schulze⁷ refere e de que Forcellini (TLL, p. 1689) cita, de Roma, três testemunhos: *Allonia Potita* (CIL VI 15 056) e *Allonia Macela* e seu marido *Alonius Zotikus* (CIL VI 15 450, em grego). Na estela de Chão do Pião (Cardigos, Mação), lê-se *Allon...*, que também tem sido interpretado como *Allonius*; no entanto, o mau estado da epígrafe não permite que

⁴ Não sendo, como se sabe, argumento a esgrimir peremptoriamente, anote-se que, no contexto desta epígrafe, a opção por **u** em vez de **i** reflecte uma oralidade própria dos inícios da aculturação.

⁵ Ao compulsarmos os índices de CIL II (p. 1198 e 1199), verificamos que o adjetivo *optimus* apenas surge onze vezes a qualificar *uxor*; em CIL II 6271, placa funerária monumental da *gens Cadia* identificada em Almourol (*conventus Scallabitanus*) regista-se outro exemplo de *uxori optumae*.

⁶ A hipótese de haver menção do patronímico – *C(aii) · F(ilius)* – no fim da l. 1 não resultou viável, perante a simulação ensaiada pelo Dr. José Luís Madeira: o F ficaria na moldura! Agradecemos-lhe a prontidão com que acedeu a ‘completar’ graficamente o monumento, reconstituição que mui gostosamente apresentamos. Assinale-se, no entanto, que a presença ou ausência da filiação de pouco adiantaria no que concerne à identificação do estatuto social.

⁷ SCHULZE (Wilhelm), *Zur Geschichte Lateinischer Eigennamen*, Berlim, 1966, p. 307.

se trate do mesmo antropónimo.⁸ Quanto a nós, é *nomen* latino.⁹

Severinus é *cognomen* latino e dele se conhecem, pelo menos, 15 outros testemunhos na Lusitânia, dois dos quais, no feminino, na própria *civitas Igaeditanorum* (Sá, *o. c.*, inscrições nºs 92 e 185).

Norbanus constitui, por seu turno, *nomen* a que os investigadores têm atribuído, e com razão, relação estreita com a *Colonia Norba Caesarina*, actual Cáceres, fundada, em 34 a. C., pelo procônsul Gaio Norbano Flaco. São inúmeros os testemunhos documentados, nomeadamente nessa zona central da Lusitânia,¹⁰ inclusive vários na própria *civitas Igaeditanorum*, onde, por exemplo, uma epígrafe (HEp 2, 1990, 769) traz uma lista de, pelo menos, oito *Norbani*, o que, segundo Vasco Mantas, significa «especial destaque» para a *gens Norbana* e pode constituir mais um elemento a reforçar a hipótese de ter sido o citado procônsul o fundador também da *civitas Igaeditanorum*,

⁸ Carlos Moutoso Batata (in *Idade do Ferro e Romanização entre os Rios Zézere, Tejo e Ocreza*, Trabalhos de Arqueologia, 46, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa, 2006, p. 63) escreve, a esse propósito: «Aí diz-se que Alónio é filho de Lúcio, o que não parece ser muito normal. O que é corrente é indígenas porem nomes romanos aos filhos e não um romano ou romanizado pôr um nome indígena ao filho. Poderá ser possível uma outra leitura da inscrição. Com efeito, na segunda linha só aparecem as duas primeiras letras de Lúcio. O nome também poderia ser *Lubaecus*, o que estaria mais de acordo com a condição social de Alónio, que é um antropónimo frequente na área celtibérica e galega». Trata-se, pois, de uma epígrafe que carece de revisão, assim como essa informação acerca da indicada distribuição do nome, pois dele não encontramos, de facto, mais referências na Península. Mais adiante (p. 68), Carlos Batata sugere uma ligação desse radical com a *gentilitas* dos *Allonicum*, que estaria localizada na região de Cáceres.

⁹ Aliciante seria relacioná-lo com os *Aloni*, povo da Mesopotâmia referido por Plínio (*Naturalis Historia*, 6, 118), ou ainda com *Allone*, cidade da *Hispania Citerior* colónia de *Marsilia*, citada por Pompónio Mela (*De Chorographia*, 2, 6, 6). Trata-se, porém, de meras suposições.

¹⁰ Cf. Milagros NAVARRO CABALLERO e José Luís RAMÍREZ SÁDABA (coord.), *Atlas Antropológico de la Lusitania Romana*, Mérida / Bordéus, 2003, p. 248-250, mapa 217. Foi García y Bellido (in «Dictamen sobre la fecha fundacional de la colonia Norbensis Caesarina, actual Cáceres», *Boletín de la Real Academia de la Historia* 159 1966 279-292, sobretudo p. 286-287) quem por primeiro relacionou a ocorrência frequente deste gentílico na região, o que denunciaria, em seu entender, uma relação íntima com a colónia.

«de acordo com um plano geral de organização dos territórios desta vasta área da bacia do Tejo, elaborado antes do regresso do procurador em Roma, onde triunfou *ex Hispania* em 12 de Outubro de 34 a. C.».¹¹

O *cognomen Sila* – de que este poderá ser o primeiro testemunho na Lusitânia romana – inclui-se igualmente entre os antropónimos de origem latina: Kajanto refere-o como masculino de tema em *-a* e como feminino, indicando que identificou, no conjunto do *Corpus Inscriptionum Latinarum*, 5 homens e 4 mulheres.¹² Na Península, a darmos crédito ao que vem documentado em <http://eda-bea.es/>, teremos apenas 4 testemunhos, dos quais 2 em contexto que poderíamos designar indígena, pois a personagem vem identificada com o nome mais o patronímico: *Sila Silonis* (registos n^{os} 20 829 e 25 090).

Apesar da sua onomástica latina, o facto de ser *Norbana* e de o seu cognome, apesar de latino, ter conotações indígenas, afigura-se-nos viável sustentar a presunção de que, mais uma vez, pela via matrimonial se assiste a um evidente fenómeno de aculturação, dado que é possível atribuir a *Severinus* uma origem não-hispânica, atendendo inclusive à datação precoce que propomos para a epígrafe.

Não pode, finalmente, deixar de se salientar o papel ímpar que assume a esbelta decoração, a integrar o monumento no número, escasso, das placas epigrafadas em que, para além da mensagem textual, a mensagem estética – a evidenciar estatuto económico e mesmo social não despreciandos – se impõe à vista de todos.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

RAUL LOSADA

¹¹ MANTAS (Vasco Gil), «*Orarium donavit Igaiditanis*: epigrafia e funções urbanas numa capital regional lusitana», *Actas del I Congreso Peninsular de Historia Antigua*, II, Santiago de Compostela, 1988, p. 419-420.

¹² KAJANTO (Iiro), *The Latin Cognomina*, Roma, 1982 (reimp.), p. 105 e 237.

